INTERVISÕES CLÍNICAS - AFETO E POLÍTICA: UM PROJETO CONTRA-HEGEMÔNICO NO CAMPO DA PSICOLOGIA

CAMILLA DE MELO SILVA [1, 2]

DIANA MONTENEGRO RIBEIRO [1, 2]

DOMITILA SHIZUE KAWAKAMI GONZAGA [1, 2, 3]

[1] *Coletiva Olhares, Brasil*

[2] *Clínica Particular, Brasil*

[3] *Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil*

Pautado em um modelo hegemônico, colonizador e fundado nas perspectivas norte-americanas e eurocentradas, há um imaginário acerca da psicologia, como ciência e profissão, de que esta precisa ser neutra, ou seja, de que a profissional da psicologia precisa deixar ausente do seu campo de atuação suas percepções de mundo e seus afetos. Esse aspecto pode ser observado não só nos atendimentos ou escutas realizadas nos mais variados contextos, mas também nos grupos de supervisão, onde muitas vezes são preservados entendimentos baseados na literatura tradicional, que apontam o jeito certo ou o caminho ideal de condução e de vivência da relação terapêutica.

Neste relato, buscaremos detalhar a metodologia de uma prática de grupo pensada e construída como possibilidade contra-hegemônica aos métodos tradicionalmente conhecidos de supervisão para terapeutas. Este projeto, intitulado Intervisões Clínicas: Afeto e Política, é uma proposta de trabalho construída pela Coletiva Olhares, grupo de pensado e construído com co-autoria de três psicólogas e pesquisadoras que possuem abordagens clínicas dissemelhantes, mas entendimentos políticos comuns, sendo pautado pela ética do cuidado e do afeto para reflexão e prática psicológica, seja em instituição, pesquisa e/ou clínica. Anteriormente ao projeto Intervisões Clínicas: Afeto e Política, a Coletiva Olhares já se dedicava a construir conteúdos sobre o cotidiano, tendo a interseccionalidade como base, em formato de textos reflexivos no Instagram, em podcast e em minicursos.

Até o ano de 2025, o Intervisões Clínicas: Afeto e Política já concluiu a sua quinta turma. O grupo vem acontecendo desde 2022, de forma online, reunindo terapeutas de diferentes contextos para refletir, dialogar e problematizar temas e práticas que atravessam suas atuações. Os encontros são organizados de maneira horizontal, dialógica e democrática. Por isso, são ultrapassados qualquer entendimento de "supervisão" no qual alguém poderia trazer uma suposta visão superior para o que se está vivendo no contexto terapêutico. A proposta de intervisões nos possibilita horizontalidade de saberes, na qual todas as pessoas participantes são atuantes nas construções de sentidos acerca das experiências compartilhadas. A intenção do grupo é que as pessoas participantes se sintam cuidadas e que recebam diferentes olhares das profissionais que compõem o grupo, sendo portanto sempre respeitadas em seus próprios contextos de práticas e trajetórias profissionais. As palavras principais que as mediadoras do grupo enfatizam são *oferta* e *convite para reflexão*.

O que pode ser diferente de outros grupos de intervisão é que este não parte de um mesmo referencial teórico ou abordagem psicológica dos demais. Em todo o processo, são dois os sensibilizadores principais, afeto e política, no entendimento de que um não se desvincula do outro. Essa é uma escolha deliberada, em nome da compreensão da diversidade no campo da Psicologia como um elemento valioso e do entendimento de tal diversidade poder agregar, não enfraquecer, práticas

CC BY

distintas (algo que muitas vezes é compartilhado no campo de formação, atuação e pesquisa psicológica).

A escolha por eleger afeto e política como sensibilizadores localiza o debate das emoções em um campo político. Assim, entende-se que o acesso às emoções não está dado, o sentir não está posto e que não há uma forma única de viver as diferentes emoções - como se elas existissem a priori, antes do nosso corpo político. Entende-se que a conversa sobre viver as emoções é um debate político; assim, as vivências das afetações são diferentes, dependendo do contexto político e identitário e das interações com as pessoas acolhidas na prática profissional.

Os encontros são estruturados com o objetivo de que cada momento do grupo ultrapasse posturas hierárquicas a partir de problematizações auxiliadas por um importante e atual banco de referências teóricas para auxiliar nas reflexões. Para que os encontros aconteçam de forma calorosa e com trocas entre as integrantes, são propostos diferentes momentos: Abertura Artística, Afetações da Referência e Experiência de Partida, diluídos durante três horas de encontro. Em cada um deles, a aposta é que se possa ampliar os olhares tendo como suporte mobilizador a arte, as culturas e referenciais teórico-críticos que dialoguem com perspectivas decoloniais, interseccionais e feministas críticas, sendo estes não necessariamente propostos por autorias da Psicologia. Abaixo, será melhor detalhado cada um dos momentos do grupo de Intervisões Clínicas: Afeto e Política.

1. Aquecimento artístico: trata-se de um instante de compartilhamento de músicas, poemas, clipes, performances, trabalhos em audiovisual, ou quaisquer outros materiais artísticos. A proposta é que, a cada encontro, uma pessoa do grupo fique responsável em trazer uma afetação artística vivida em seu cotidiano para que seja compartilhada e elaborada junto ao grupo. É um momento de aquecimento para cuidar das emoções e do corpo coletivo do grupo. Traz a dimensão artística que compõe a vida cotidiana das pessoas participantes, e também as suas atuações enquanto terapeutas – afinal, arte é repertório de vivência e pode ser um potente recurso;

2. Afetações da Referência: uma agenda de referências é compartilhada com todas as pessoas participantes. São materiais que levam em conta os sensibilizadores *afeto* e *política*. Para cada encontro, são organizadas leituras e, num movimento de cogestão, uma pessoa se torna responsável pela partilha da afetação. Desse modo, a responsável compartilha com o grupo as afetações que o contato com a referência indicada lhe trouxe e, a partir desse movimento inicial, abre-se a roda para que circule a palavra e sejam produzidos e compartilhados outros olhares.

3. Experiência de Partida (EP): durante cada encontro, uma pessoa compartilha uma EP, ou seja, uma narrativa sobre um contexto de acolhimento ou de trabalho, uma relação terapêutica, ou uma vivência enquanto terapeuta, que considere interessante dividir com o grupo e que esteja vivendo no momento ou que já tenha vivido, mas que ainda ressoe o desejo por elaboração e colaboração. Essa partilha leva em consideração os dois seguintes aspectos: a) o contexto geral da experiência, quem é essa pessoa ou situação, o que a fez buscar a terapia ou como a situação ocorreu, como o processo tem acontecido até aqui; b) os pontos dessa experiência que tocam a pessoa como terapeuta e que a faz desejar outras visões de suporte. Logo após a apresentação da EP, todas as pessoas podem contribuir com suas visões, afetos e afetações. A ideia é que ela seja, literalmente, uma experiência de partida, por isso, não exclusiva; assim, outras experiências/vivências podem surgir mediante a construção coletiva. Para melhor aproveitamento, contamos e incentivamos a democratização das falas, assim como a escuta atenta.

Um ponto valioso sobre a Experiência de Partida é que também abandona a perspectiva de estudo de caso, que é comum em espaços de trocas entre terapeutas. A

intenção é que se compartilhe com o grupo as experiências que ocorrem nos acolhimentos com as pessoas, não os casos propriamente ditos. Tratam-se, na verdade, de experiências relacionais pautadas a partir do compromisso com as afetações nessas relações, com respeito a quem elas são e como suas histórias são divididas em um contexto de intervisão.

Ser uma terapeuta que caminhe em um sentido contra-hegemônico é abandonar o desejo de neutralidade, contando também com as próprias histórias políticas e com os próprios olhares críticos para o mundo. Uma Psicologia praticada dessa forma, compromissada com os debates racializados, genderizados, corporificados no mundo – que são tantos –, traz um entendimento ético localizado socialmente. São psicologias que levam em consideração os diversos contextos, politizam-se interativamente, diante dos acontecimentos do mundo e da cultura.

Sem a pretensão de conclusão de qualquer processo reflexivo e propositivo, este relato finaliza-se com as portas abertas para todas as pessoas que tenham interesse em se aproximar deste projeto e, mais do que isso, compor este grupo. A Coletiva Olhares está disponível através do Instagram, @coletiva.olhares, nas plataformas de áudio com podcast de mesmo nome, assim como via email, no endereço coletiva.olhares@gmail.com.

CAMILLA DE MELO SILVA

Psicóloga formada pela UFCG, mestra em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, com mobilidade acadêmica na Universidade do Porto. Atua enquanto psicóloga e supervisora clínica. É co-criadora da Coletiva Olhares.
E-mail: camillamelopsi@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-8749-3295

DIANA MONTENEGRO RIBEIRO

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, com dupla titulação pela UP (Universidade do Porto, Portugal). Mestra em Psicologia pela UFC, Especialista em Psicologia da Educação pela PUC-MG. É co-criadora da Coletiva Olhares.
E-mail: psicologadianamontenegro@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7171-3735

DOMITILA SHIZUE KAWAKAMI GONZAGA

Psicóloga formada pela UFSCar, doutora em Psicologia pela USP-RP, com dupla titulação pela UP (Universidade do Porto, Portugal). Formada no curso de Especialização de Terapia Familiar e de Casal Sistêmica pela UNIFESP e tem formação pelo ICCP-Interfaci. Co-criadora da Coletiva Olhares e professora, supervisora e colaboradora do ITFSP.
E-mail: domitila.psicologa@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6465-1011